

O poder e a poética das infâncias negras em “Menina de Fogo”, de Taylane Cruz

Luciano Galdino da Silva Júnior (UFPB)

lucianogaldinojr188@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0558-3339>

Franciane Conceição da Silva (UFPB)

franciane.silva@academico.ufpb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3035-5315>

Resumo:

O presente trabalho tem como principal objetivo desenvolver, a partir da afroperspectiva, conceito proposto pelo filósofo Renato Nogueira (2010, 2012, 2014 e 2019), uma análise literária do romance “Menina de Fogo” (2023), da escritora sergipana Taylane Cruz. Com a apreciação e análise crítica da transcrição poética de Cruz, será possível identificar as reflexões de Nogueira (2019) perpassando as páginas do texto literário, visto que as infâncias das personagens não são baseadas apenas em uma noção biopsicossocial ou categoria geracional, mas sobretudo como um modo de vida, uma cosmoexperiência. Nesse sentido, ao acompanhar os caminhos de Maria, personagem protagonista do romance, que se permite sentir e experienciar o estado de infância (Nogueira, 2019), buscamos destacar a potência que emerge dessa criança negra. Distante de uma condição de passividade e sofrimento, a personagem revela autoconfiança e insubordinação, afirmando-se como sujeito pleno de potencialidades, indo contra as representações estereotipadas no cenário literário que, historicamente, relegaram às crianças negras um lugar de dor, violência e subserviência.

Palavras-chave: Menina de Fogo; Análise crítica; Infâncias; Potência.

Abstract:

The main objective of this study is to develop a literary analysis of the novel "Menina de Fogo" (2023), by the Sergipe-born writer Taylane Cruz, from an Afroperspective, a concept proposed by the philosopher Renato Nogueira (2010, 2012, 2014, and 2019). Through the appreciation and critical analysis of Cruz's poetic transcreation, it becomes possible to identify Nogueira's (2019) reflections permeating the pages of the literary text. This is because the childhoods of the characters are not solely based on a biopsychosocial notion or generational category but are understood, above all, as a way of life, a cosmo-experience. In this context, by following the journey of the character Maria, who allows us to feel and experience her "state of childhood" (Nogueira, 2019), we seek to highlight the power that emerges from this black child. Far from a condition of passivity and suffering, this character demonstrates self-confidence and insubordination, asserting herself as a fully capable subject. In doing so, she challenges the stereotypical representations in the literary sphere, which have historically relegated black children to a place of pain, violence, and subservience.

Keywords: Fire Girl; Critical analysis; Childhoods; Power.



Abrindo os caminhos...

No Seminário Círculo da Infância, realizado no ano de 2019, o filósofo e intelectual negro Renato Noguera debruça-se sobre o tema da infância, não apenas como uma categoria geracional ou uma noção biopsicossocial, mas sobretudo como um conceito filosófico que se refere a um modo de habitar a existência, uma maneira de interpelar a realidade. Assim, neste trabalho, a infância será considerada como um sentido de mundo, uma forma de se relacionar com a vida. Esse modo “infantil” de existir seria o que nos permite habitar a existência com espanto e encanto. Em contraposição, o que Noguera (2019) e o seu grupo de pesquisa chama de *adultidade*, *representa* uma adulteração da vida, uma corrupção da existência que resulta na perda da infância. Essa perda implica na redução da capacidade de encarar o mundo de forma lúdica e como um espaço de possibilidades indeterminadas. Sob essa perspectiva, o *estado de infância* se aproxima de uma dimensão calcada na brincadeira e narrativa, onde a imaginação e a descoberta são fundamentais para a nossa relação com mundo (Noguera, 2019).

Em “O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva”, o filósofo e intelectual também discute o conceito de *estado de infância* em contraste com a *adultidade*¹:

Enquanto, a expressão conceitual “estado de infância” recobre várias ideias e noções, conotando um tipo de espírito filosófico diante da vida. A capacidade de fazer uso da dúvida como ferramenta que fomenta ações, promove questionamentos e assume que as respostas podem ser temporárias e que isso não as invalida. A adultidade é a necessidade de vencer os adversários sem problematizar os seus próprios princípios, sem capacidade de escuta das ideias diversas. Enquanto, o estado de infância é uma perspectiva que reconhece que podemos aprimorar nossa maneira de interpelar o mundo sempre que estivermos abertos a repensar o que pensamos (Noguera, 2019b, p. 65).

¹ O termo foi criado a partir de uma pesquisa em campo realizada em uma escola no Rio de Janeiro por Noguera, inspirada na declaração de Olivia Griot, uma menina de oito anos que afirmou: “adulterar é o que estraga o mundo”.



Assim, o estado de infância se organiza pelo afeto e pelo mistério, ou seja, seres em estado de infância são capazes de enxergar as coisas como elas se apresentam, reconhecendo que existem múltiplas *cosmopercepções* e possibilidades de vida.

Menina de Fogo (2023), primeiro romance publicado pela escritora sergipana Taylane Cruz, é um diário em que nos tornamos testemunhas de Maria, uma menina negra de doze anos que é presenteada pelo seu amigo Tomás com um caderno. Sabendo do talento da amiga com as palavras, Tomás a incentiva a registrar suas memórias. Assim, a narrativa nos convida a adentrar no coração da pequena narradora e acompanhar suas aventuras e desventuras, durante o período de um ano. O enredo, portanto, desenvolve-se ao longo do ano de 1996, iniciando no dia um de janeiro e chegando ao fim no dia trinta e um de dezembro do mesmo ano. A partir de sua perspectiva, Maria nos apresenta uma série de acontecimentos que tocam em temas como o amor, as amizades, os sonhos, os desejos, a primeira menstruação, o desabrochar da sexualidade, violência sexual, depressão, suicídio, exploração do trabalho infantil, ausência paterna, o contato e enfrentamento ao racismo durante a infância, a morte de pessoas queridas, violência contra mulher, entre muitos outros. Todos esses temas se entrelaçam na vida de Maria, guiando-a em direção ao seu diário, onde, com muito lirismo, ela narra seu cotidiano e nos mostra que habita o território da infância, o lugar do poder e da insubordinação.

Em seu livro *Mulheres, culturas e política* (2017), a filósofa estadunidense Angela Davis compartilha uma reflexão profunda que dialoga diretamente com o que a personagem demonstra ser no decorrer da narrativa. Segundo Davis, há entre as crianças uma clara e inegável manifestação de um espírito que se recusa a ser subjugado (Davis, 2017, p. 96). Partindo dessa afirmação, fazendo uma costura entre o pensamento de Davis e as linhas tecidas por Taylane Cruz, é possível identificar uma força intrínseca na personagem Maria, uma qualidade que transcende barreiras e a faz ser uma menina autônoma que sabe lidar com o que quer que surja em seu caminho.

Nesse sentido, o principal objetivo deste trabalho é ilustrar, através de referenciais e autorias negras, como ocorre a manifestação desse espírito que torna a experiência da infância em um estado poético e poderoso.



Adentrando no caderno-corção de Maria

Tenho birra que me chamem de coisinha. Tenho nome e, se quando nasci, minha mãe o escolheu é porque gostaria de sua filha ter um nome e não andar por aí sendo chamada de coisinha. Mania feia desse povo, é coisinha pra lá, coisinha pra cá. Hoje a dona Lurdes, que sabe muito bem o meu nome, chamou por mim na rua, queria que eu lhe fizesse um favor. “Ei, coisinha, vem cá!” Já olhei com dois olhos de cobra para ela, nem respondi. Ela, insistente, continuou imperiosa: “Ei, coisinha, vem cá, vai ali comprar uns pães doces pra mim”. Vive me pedindo favor aquela mulher. Mas dessa vez eu rejeitei, mostrei pra ela um dedo bem assim. (Cruz, 2023, p. 21)

No trecho acima, presente no dia treze de janeiro do diário, é possível perceber que essa criança não está nem um pouco em uma posição de subordinação diante do que é perverso. Maria expõe o seu desconforto e pisa na cabeça de quem pisa no seu calo. Sua escrita revela a sua grandeza, coragem, potência e empoderamento enquanto menina negra, além de deixar nítida a sua compreensão acerca do seu próprio valor.

Renato Noguera, referência fundamental para a construção desta pesquisa, em seus artigos “*O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva*” (2019b) e “*Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir*” (2019a) é muito provocativo quanto às noções e conceitos acerca da infância. O filósofo carioca, a partir da *afroperspectividade*², salienta a força contida na experiência da infância e como as crianças se revelam como seres que estão frequentemente em *estado de infância*³ (Noguera, 2019a, p. 54), possuem autonomia e revelam coisas que os adultos não expressam. É muito comum que as crianças vejam algo luminoso e reluzente diante do que é considerado ordinário, corriqueiro e comum. Enquanto o olhar *adultescido*⁴ vê o céu opaco, sem brilho, sem cor, o olhar

² Uma construção coletiva em curso que foi apresentada nos livros *Ensino de filosofia e a Lei 10639* (Noguera, Renato, 2014) e *Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*.

³ Termo cunhado por Renato Noguera, refere-se a um estado existencial, um modo de sentir e viver a vida, assumindo o mistério do mundo e que a existência só é possível como exercício brincante (Noguera, 2019a, p. 63).

⁴ O adjetivo tem origem da palavra “Adulthood”, muito utilizada por Noguera em suas pesquisas relacionadas à infância em afroperspectiva. O processo de “Adultescimento” seria justamente o desvirtuamento do estado de infância, uma característica que envolve as pessoas no processo de “amadurecimento” e “desenvolvimento”. Fazendo uma crítica às noções de desenvolvimento, avanço e progresso (Noguera, 2019a, p. 58).



infantil brilha com o sol, a lua, as nuvens, o azul do céu e as estrelas (Toren; Noguera, 2019b, p. 130).

Outros elementos decisivos são as infâncias de alguns povos africanos e indígenas que vivem em território brasileiro. Destacamos dois exemplos: os Maxacali que vivem em Minas Gerais (Alvarez, 2004) e os Wolof (Noguera, 2017). Num caso, a “criança é o fio que tece as várias dimensões da sociabilidade Maxakali. É através dela que se inaugura a relação com o outro” (Alvarez, 2004, p. 53). No contexto Wolof, encontramos um provérbio que diz: “se você pensa que é muito pequeno para fazer a diferença, é porque nunca passou a noite com um mosquito”. Nos dois casos as referências são feitas às crianças. Elas são encaradas como altamente capazes de transformar a sociedade. (Noguera, 2019b, p. 130)

É possível localizar essa encruzilhada afro-brasileira e indígena na obra de Cruz, ao analisar a narradora personagem que partilha com os seus leitores e leitoras, um modo de encarar o mundo de forma extraordinária, lúdica, múltipla e com possibilidades indeterminadas (Noguera, 2019). Vejamos alguns trechos da obra para compreender como as infâncias negras em afroperspectiva são construídas na obra:

Então Tomás arregalou seus dois olhos de jabuticaba, eu amo os olhos de Tomás, e disse: “Olha quantos pássaros!” Virei a cabeça para vê-los, mas o que vi foram muitas gaiolas com muitos passarinhos dentro. Senti como se aqueles pássaros estivessem presos dentro de mim, começou a doer. Tomás adora pássaros, odeia gaiolas. Aí pensei no que queria ganhar de presente. O vô perguntou “Você quer levar um passarinho para casa, minha flor?” “De jeito nenhum, vô, eu quero todos os pássaros do mundo”. Ele riu, “todos, meu amor?”, e ficou um pouco sério, coçou a careca por debaixo do boné. “Vamos ver se lhe arranjo um bem-te-vi.” O vô saiu sem entender nada, mas eu avisei, não se pode dar tanto horizonte para os desejos de uma pessoa. Pois bem, peguei Tomás pela mão e, como dois ratinhos, assim sem ninguém ver, a gente foi abrindo todas as gaiolas. Foi pássaro para todo lado, voo para todo mundo ver. (Cruz, 2023, p. 15-16)

Ao completar os seus doze anos, Maria visita pela primeira vez a feira, lugar que ela desejava muito conhecer. Ao chegar na feira na companhia do seu avô e do seu amigo Tomás, apesar do lugar não ser como ela imaginava, Maria entra em um estado de alucinação, ao notar que aquele lugar, antes desconhecido, tinha uma infinidade de coisas. Tal sentimento já indica uma narrativa em *estado de infância*, uma vez que a personagem tem um olhar encantado diante do que é ordinário e



comum. No entanto, a passagem acima, momento em que Maria percebe “muitas gaiolas com muitos passarinhos dentro” e decide ampliar os horizontes daqueles animais, é um ato poético que demonstra a conexão desse espírito infantil com a natureza, com si mesma⁵.

Nogueira (2019) nos afirma que a narrativa em *estado de infância* não está calcada na disputa de recursos e destruição da vida. É o que percebemos no que está sendo narrado pela Menina de Fogo nesse trecho do seu diário. Ao abrir as gaiolas e libertar os pássaros, Maria está evidenciando o seu amor e o seu cuidado com os animais, com a natureza, sendo a vida mais importante que a posse das coisas.

Há outra passagem que enfatiza esse cuidado de Maria com os passarinhos, seus bichinhos preferidos:

Hoje a vó decidiu montar seu ateliê lá no sítio, falou que quer um lugar tranquilo para costurar. Fomos ajudá-la, Adelina, Tomás, o vó e eu. No alpendre, a gaiola pendurada girava devagar, dentro dela um canário amarelo molhava o bico no pequeno bebedouro. O alpinista que o vó colocou chovia pelas grades. Mas eu prometi para o canário: "Vou te soltar". [...] Abri a gaiola para o canário voar, que meu vício é libertar. Saí de lá feliz e aliviada. A ternura de algumas coisas é para sempre. (Cruz, 2023, p. 148-149)

Podemos perceber no modo como Maria se relaciona com tudo que pulsa e respira que há uma manifestação a favor da vida, sendo os pássaros, elementos que voam pelas páginas do diário, uma metáfora para representar a vida que vibra no caminhar da obra. Se pensarmos em toda a construção psicológica da personagem também é possível inferir que os passarinhos simbolizam o seu espírito libertário e terno.

Encontrei uma rosa em meu caminho, sua cor rosa é como uma mancha de algodão doce. Foi amor à primeira vista, amor de eu não poder arrancar. Falei para ela que irei todos os dias visitar. Hoje mesmo me ajoelhei diante dela porque sou de me ajoelhar para as coisas que me dão comoção. O povo da rua estranhou de me ver falando sozinha, disseram assim: “essa coisinha é doida”. Mas eu não me importo com a língua quente desse povo, eles não sabem que me ajoelho para as coisas bonitas e que por isso o mundo escolheu se oferecer para mim. (Cruz, 2023, p. 152)

⁵ Discussão abordada em “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019) e “A vida não é útil” (2020) de Ailton Krenak que nos mobiliza a pensar que também somos a natureza.



Essa relação de amor e cuidado com a natureza, nos remete a uma *cosmopercepção* indígena, um modo de viver em comunhão com a terra. A escritora e geógrafa indígena Márcia Wayna Kambéba, na apresentação do seu livro *Saberes da Floresta* (2020), nos convida a ouvir os sons da floresta ecoar em nossa alma para nos tornarmos sensíveis a “entender cada movimento, cada cor e o canto dos pássaros e animais.” (Kambéba, 2020, p. 18). O chamado de Kambéba parece ter sido ouvido pela Menina de Fogo que se apaixona pela rosa e afirma ser incapaz de arrancá-la, expressando uma ligação profunda e permanente com essa beleza que encontrou em seu caminho. A promessa de visitá-la diariamente mostra um compromisso e uma devoção à natureza. Além disso, o gesto de ajoelhar-se diante da rosa enfatiza o seu respeito e reverência aos espíritos da natureza.

Os olhares enviesados aos arredores da rua revelam um olhar *adultescido* que se recusa a novas composições e possibilidades de mundo, não compreendendo a capacidade dessa sensível criança negra de emocionar-se com a simplicidade das coisas. Além do mais, a presença desses sujeitos que a consideram “doida” nos revela como o que chamamos de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta do organismo que é a Terra, vivendo em uma abstração civilizatória que anula a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos (Krenak, 2020, p. 47).

Um outro ponto ressaltado por Nogueira (2019) acerca do poder e poética da infância é a possibilidade de contar histórias, criar narrativas e assumir uma vida brincante, sendo a narrativa e a brincadeira características fundantes da infância.

Para compreendermos esses aspectos dentro da obra, começo propondo uma reflexão acerca do próprio gênero textual escolhido pela autora que já indica essa dimensão da infância e da vida como um fenômeno narrativo, pois ao ganhar um caderninho do seu grande amigo Tomás, Maria decide registrar, narrar o seu cotidiano, ou melhor, falar com os seus pensamentos, revelar o seu coração. Nesse sentido, o fato da narradora falar em primeira pessoa, estabelecendo-se como sujeito discursivo em seu caderno, reitera a capacidade inventiva infantil e a possibilidade de criar novas narrativas para manter a vida.

Estamos de férias da escola. Foi sorte eu não repetir, levando em conta as notas quase enforcadas que tirei em matemática. Mas estou aliviada. É como dizem: o alívio do quase enforcado que não se



enforcou. Agora tenho terreno aberto para minha imaginação, férias mexem muito com a minha cabeça, dão horizonte aos meus sonhos, pois eu, quando não tenho o que fazer, invento até delirar. (Cruz, 2023, p. 150)

Quando se vê livre das demandas escolares, Maria sente essa necessidade de estimular a sua imaginação fértil e o seu lado inventivo, o que nos permite afirmar que, por mais que Maria esteja passando pela puberdade e próxima do período da vida que conhecemos como adolescência, a personagem criada por Cruz preserva dentro de si a potência da infância que adormece o que nos adultera⁶, nos tornando seres brincantes e narradores (Noguera, 2019). Essa passagem nos faz rememorar a primeira página do diário, em que Maria já nos alerta: “Eu posso mesmo inventar? Prometo me controlar, é que tenho a cabeça cheia de histórias, agora mesmo há um montão delas sobrevoando minha cabeça feito uma nuvem de borboletas, mas juro que vou tentar me controlar.” A indagação feita por Maria além de gerar um certo conflito em nossas mentes, pois passamos a questionar a veracidade do que está sendo narrado, também é um indício de que o seu diário não é apenas uma forma de emoldurar alguns momentos de sua vida, mas também uma possibilidade dessa criança sábia brincar com as palavras e explorar os territórios da sua cabeça engenhosa.

Costumo achar muitas palavras pelo caminho, cato como se elas fossem conchinhas. Esta semana encontrei quatro muito preciosas: decantação, azular, aviltante, tergiversar. Gosto também de saborear as palavras como se fossem um doce, um caramelo, uma goma de mascar. Algumas são amargas, como rancor e ódio, outras são puro gosto de sal, como maltratar, e tem ainda as que são muito duras, difíceis de mastigar, como culpa e medo. Palavras pontudas que ferem eu não gosto, palavras bonitas me contemplam mais, sonhar, reviver, desabrochar. Mas aprendi a aceitar todas elas. (Cruz, 2023, p. 13-14)

A forma como Maria se relaciona com as palavras não apenas me provocou uma identificação profunda, mas também me fez recordar dos versos de Conceição Evaristo, em seu poema “Da calma e do silêncio” (2017).

⁶ Uso essa palavra no sentido de perda da condição infancalizante da existência (Noguera, 2019a, p. 59).



*Quando eu morder
a palavra,
por favor,
não me apressem,
quero mascar,
rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano
do verbo,
para assim versejar
o âmagô das coisas.*

(Evaristo, 2017, p. 122)

Em um tom metalinguístico, o romance e o poema associam o ato de manusear as palavras a uma intensa sensação de prazer. Nos versos de Evaristo, a voz poética expressa um desejo, com muita veemência, pela palavra. Por sua vez, a narradora de *Menina de Fogo* demonstra o modo como ela percebe e experimenta as palavras, comparando-as, por meio de uma linguagem metafórica, a diferentes sabores e texturas, expressando a complexidade das palavras e das emoções que elas evocam. Partindo desse entrelaçamento, as vozes que transitam nas duas obras exprimem sentimentos que, nós, leitores e leitoras, experimentamos diante de suas tessituras poéticas.

Essa *escrevivência*⁷ ao armazenar as memórias e subjetividades dessa personagem, transforma o seu caderninho em um lugar de memória⁸. Cada palavra grafada em suas páginas revela retalhos de sua vida, suas emoções, pensamentos e vivências, sendo o diário um pedaço do seu coração.

Além de ser fundamental para pensarmos em novos imaginários, pois o fenômeno narrativo nos permite contar “a história que a história não conta”⁹, a possibilidade de elaborar narrativas na infância pode ser uma ferramenta de autoconhecimento. Ao escrever, Maria se revela, sendo o diário o seu espelho.

⁷ Segundo Conceição Evaristo, a *escrevivência* é uma escrita que (con)funde ficção e vivência, calcada na fusão de ficção e memória (Evaristo, 2017, p. 09). Além disso, a *escrevivência* incorpora a história de uma coletividade.

⁸ Termo utilizado a partir da leitura do artigo “Literatura, lugar de memória” da Profa. Dra. Danielle Cristina Mendes Pereira (2014).

⁹ Verso do samba-enredo “Histórias Para Ninar Gente Grande” da Estação Primeira de Mangueira (2019)



Dando continuidade a essa analogia, podemos pensar no diário da Menina de Fogo como o espelho de Oxum e de Iemanjá, pois no espelho de Oxum descobrimos nossa beleza e potência, contemplamos nossa subjetividade e nos (re)conectamos com as nossas identidades que culturas colonizadoras tentaram mutilar. No abebé de Iemanjá, vemos nossa potência coletiva e nos conscientizamos de que somos capazes de escrever nossa história de múltiplas vozes (Evaristo, 2020, p. 38-39). Assim, o diário de Maria é tanto um reflexo de sua individualidade quanto um testemunho de sua conexão com a coletividade.

A brincadeira é algo que atravessa a vivência das personagens, colocando-as na ordem do extraordinário. Seja na rua com os amigos ou na escola com os colegas, Maria está a todo tempo fazendo da vida uma atividade brincante (Nogueira, 2019b, p. 135).

No dia onze de maio do diário, a brincadeira mais uma vez fortalece os laços de Maria: “Tomás e Adelina passaram o dia aqui. A gente tomou banho de mangueira no quintal, brincou de iôô, brincou com Mel, Brisa e Flor.” (Cruz, 2023, p. 77) Esse excerto ilustra como a brincadeira é uma forma vital de interação para Maria, permitindo que ela se conecte com os amigos, os animais e o mundo. Além disso, essa maneira lúdica de relacionar-se também desenvolve um entendimento mais profundo de si mesma (Nogueira, 2019a, p. 66).

Numa galáxia distante existiam mundos diferentes, diversas moradas. Todos os seres viviam sob a força da Infância. Fossem bichos humanos, flores, vegetais, bichos onças ou de outros tipos; todos os seres nasciam, cresciam e morriam assumindo o mistério da vida, experimentando conflitos e disputas, choros e sorrisos. Todos se divertiam diversamente sem conversão e sem pensar igual. Das disputas não surgiam gente derrotada. Mas, somente pessoas que aprendiam a brincar de muitos modos. Não existia paraíso, tampouco inferno. O governo era feito de brincadeiras, todas as pessoas podiam cirandar em todas as posições da roda. Brincar era tanto ordem quanto mandamento, brincar era a regra e brincar era a maneira de exercer a desobediência, o brincar era a norma vivente da Infância. Viver era sinônimo de infância e brincadeira. (Nogueira, 2019b, p-127)

Trago esse recorte da fábula criada por Nogueira, pois a partir dessa tessitura utópica o escritor ressalta a importância da brincadeira, não só para as crianças, mas para a vida de todos os seres. Também observo o brincar como norma vivente dessas infâncias negras que estou analisando a partir da leitura do romance. As vidas de



Maria, Tomás e Adelina são permeadas pela brincadeira, que os mantém unidos, fortes e firmes a celebrar a vida.

É interessante observar como a brincadeira e a narrativa se fundem na narrativa de Cruz:

Hoje foi a maior confusão na escola. Estou de suspensão outra vez. Tia Cacilda não me quer nas aulas de matemática durante quatro dias. A gente estava brincando de forca e, nessa brincadeira, sou muito boa, porque sou feito Sherazade, uma encantadora de palavras. Brinco com elas como se brinca com serpentes. É que eu uso as palavras para viver. (Cruz, 2023, p. 65)

A forma como Maria descreve esse momento na escola, durante a brincadeira da forca, indica que para ela as palavras são como brinquedos, sendo eles os fios condutores que a levam para a experiência da brincadeira. Assim dizendo, essa menina imperiosa brinca de muitos modos, seja formando palavras, contando histórias, escrevendo o seu diário, tomando banho de chuva, ou dançando com o vento, os pássaros e as borboletas. A brincadeira e a narrativa são um meio substancial para a sua (re)existência.

Nessa mesma confissão, feita no dia dezessete de abril, é possível localizar um olhar *adultescido* com a presença professora de matemática, Tia Cacilda:

Tia Cacilda foi quem se meteu, mulher azeda, imperiosa. Falou assim: “Chega desse barulho, saiam daqui!” Então eu enfrentei: “Mas a senhora não manda aqui”. A gente estava brincando no pátio da escola, nem era aula dela. Ela resmungou, falou que criança não tem querer, que nem gente criança é, ficou repetindo “chispem daqui”. A gente imitou ela com a língua do pê: “Chispepem dapiquipi”. Ela ficou muito brava, a cara toda melada de ódio. Engraçado como basta um fiapo para uma pessoa papocar todinha. Ela gritou “seus mal-educados”. Respondi: “A senhora também nos tratou sem nenhuma educação. Acontece, tia Cacilda, que pimenta no cu dos outros é refresco”. Ela agarrou meu braço, me levou até a sala de tia Odalina, que muito me considera, tem em alta conta minha sapiência e sabedoria. Mas não teve jeito, aceitou o pedido de tia Cacilda. (Cruz, 2023, p. 65-66)

Ao deparar-se com um grupo de crianças no exercício da brincadeira, a personagem Tia Cacilda projeta-se como uma sombra diante dos caminhos luminosos de Maria e seus amigos. Com sua postura autoritária, a professora de matemática tenta impor as suas regras sobre as crianças, no entanto, não contava



com uma reação e resistência diante do seu autoritarismo. Não só Maria, mas também as outras crianças reconhecem os limites das regras e da autoridade. Em um tom cômico, elas demonstram essa compreensão e consciência a partir da imitação, da brincadeira, sendo a brincadeira um meio de enfrentar tensões e conflitos. Vale ressaltar a seguinte frase proferida por Tia Cacilda: “criança não tem querer, que nem gente criança é”, que reflete uma visão *adultocêntrica*¹⁰ que desconsidera as crianças como *sujeitos de direitos*¹¹. Essa percepção negativa e reducionista está enraizada na etimologia da palavra “infância”, que deriva de *infant*, em latim “aquele que é sem voz e sem fala” (Araújo; Gomes, p. 31, 2023).

O trecho acima também nos permite estabelecer um diálogo com a narrativa iorubana Taiwo e Kehinde, que conta a história dos gêmeos Taiwo e Kehinde (Ibejis), filhos de Oxum e Xangô, foram viver com Iemanjá no reino de Orunmilá. Um dia, Icu, a Morte, chegou ao reino de Orunmilá e se recusou a partir, causando a morte generalizada de vários seres. Tentativas de persuadi-la falharam, e Orunmilá então consultou Ifá, que revelou que os gêmeos eram a chave para resolver a situação. Relutante, Iemanjá deixou que os meninos fossem encontrar Icu. Taiwo e Kehinde, conhecidos por suas travessuras, decidiram brincar com a Morte. Eles dançaram e tocaram tambor alternadamente, sem que Icu percebesse que eram dois. A dança contínua fez com que Icu se cansasse e deixasse o reino. Em síntese, a história nos ensina que: “a Infância é mais poderosa do que a morte” (Noguera, 2019b, p. 133).

A ação brincante de colocar a Morte para dançar, exercida somente pelas crianças, é uma evidência de que “a Infância opera pelos desígnios da transformação, da produção de realidades porque reconfigura através de sua potência criadora” (Noguera, 2019b, p. 135). Desse modo, Maria, assim como Taiwo e Kehinde, tem um poder altamente inflamável, capaz de fazer tudo brilhar e virar pó.

Quando me refiro ao poder dessa Menina de Fogo, penso também na capacidade de Maria iluminar caminhos. A força que essa menina carrega no peito potencializa existências. Tomás, apesar de viver em condições precárias e ter uma base familiar desestruturada, tem a presença de sua amiga para acalantar sua alma.

¹⁰ O conceito surgido na sociologia da infância baseia-se na ideia de que a sociedade, em suas diversas dimensões, se organiza em torno da figura do adulto.

¹¹ Nomenclatura presente no livro “Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa” (2023), organizado por Nilma Lino Gomes e Marlene de Araújo.



Juntos, compartilham momentos tristes e felizes, como vimos em alguns trechos aqui apresentados. Através de sua amizade com Maria, Tomás consegue sair do casulo e bater as suas asas. Por sua vez, notamos que Adelina, após aproximar-se de Maria, sente-se mais segura; Maria torna-se seu escudo, sua sentinela, guiando-a para o caminho dos sonhos.

Aprendemos a fazer uma máquina de fotografar com uma lata. Foi o vô quem ensinou. Ele chamou eu mais o Tomás e a Adelina. Explicou: “a gente cola o papel cartão dentro da lata pra que não entre luz nenhuma... aí faz um furo na parte lateral usando um prego que nem esse aqui... Agora faz um pequeno quadrado com alumínio da lata e cola do lado de fora da máquina fotográfica... agora a gente cola o quadrado de alumínio na lata”. Foi incrível ver o vô fazendo a máquina. Adelina decidiu que vai ter como profissão fotografar. “Eu quero fotografar todas as coisas do mundo”, ela revelou. (Cruz, 2023, p. 108-109)

Essa passagem nos dá fundamentos para afirmar que Maria é poderosa por também ser uma fonte de força, esperança e alegria, iluminando com o seu fogo os caminhos dos seus. Segundo Noguera, empatizar é uma consequência da poética da infância (Noguera, 2019). Assim, Maria, em seu estado de infância, apresenta uma profunda empatia. Isso se manifesta a partir do seu olhar sensível, seu senso de justiça e entendimento sobre as emoções dos outros.

A canção *Comigo ninguém pode* da cantora e compositora Mc Tha, faixa dez do seu primeiro álbum de estúdio *Rito de passá*, lançado em 2019, nos permite estabelecer um diálogo com a obra de Cruz e aprofundar a análise de alguns aspectos da construção da personagem:

*Eu sou o laço bem dado
Eu sou a flecha que voa
Eu sou o tempo fechado
O vento e a garoa
Eu sou o Sol que alumia
Que queima e que orienta
Eu sou um pouco de açúcar
Sou dendê e pimenta
Eu sou guerreira que canta
Encanta e vence a guerra
Eu sou o passo mais largo
Que já andou nessa terra
E comigo ninguém pode
Porque meu santo é forte*



*E comigo ninguém pode
Porque meu povo é forte*

(Comigo ninguém pode - Mc Tha)

Entre as batidas vibrantes do *funk* e os versos rimados de Mc Tha, ouvimos uma voz que, por meio de uma linguagem rica em metáforas, exala força, poder e autoconfiança, revelando, assim como Maria, consciência de sua grandeza e potência. Além disso, também podemos observar como a canção faz referência à fé e espiritualidade afro-brasileira. Nos trechos “Eu sou o tempo fechado / O vento e a garoa”, a cantora e compositora faz alusão à Iansã, a orixá dos ventos e das tempestades. Essa figura espiritual passeia pelo romance de forma simbólica, manifestando-se através do fogo e das borboletas, elementos que compõem o arquétipo da Yabá. A presença simbólica de Iansã ao longo do romance sugere que ela está continuamente orientando os caminhos de Maria, oferecendo-lhe força, proteção e sabedoria. Nesse sentido, é evidente que as bases familiar e espiritual da personagem também atuam como potencializadoras para que ela se mantenha firme e forte. Dessa forma, a conexão de Maria com suas raízes e ancestralidade africana torna-se um pilar para que a chama da infância não esmoreça.

Considerações finais

O romance *Menina de Fogo* (2023) ultrapassa as noções sociais e psicológicas da infância e as expectativas coloniais da literatura canônica brasileira. Através da cosmopercepção (Oyěwùmí, 2021) de Maria, personagem que se encontra em estado de infância, somos provocados a borboletar, viver com a leveza e fluidez de uma borboleta, e reacender a chama da infância em nós, para que assim possamos ouvir, tatear e sentir o mundo com alumbramento.

Portanto, a obra amplia as possibilidades de existência para as crianças negras e nos convida a refletir sobre a possibilidade de constituição de novos mundos e realidades policêntricas, polirraciais e pluriversais. Segundo Nogueira (2019), isso só se torna possível à medida que somos capazes de acessar o estado de infância como uma forma de interrogar o mundo e vivenciar a vida de maneira mais aberta e curiosa. Nesse sentido, os maiores desafios filosóficos, políticos e existenciais



residem justamente em permitir que a infância opere o milagre de reinventar o mundo (Nogueira, 2019a, p. 66).

Através do seu primeiro romance, Taylane Cruz subverte o silenciamento imposto às mulheres negras e nos apresenta uma menina negra que sim enfrenta adversidades, mas muito mais do que isso, vivencia muitos momentos felizes, pois carrega consigo muita força em seu coração. Além disso, a escolha de Cruz de representar uma criança negra como autora de seu próprio diário é um ato político simbólico poderoso. Ao assumir a função de sujeito de sua narrativa, essa criança reivindica o lugar do "Eu" e se distancia da posição de "Outridade" (Kilomba, 2019), uma posição imposta pelas estruturas coloniais e racistas. Desse modo, a autora também desafia as concepções adultocêntricas, propondo uma nova perspectiva sobre a infância: não mais como um período de subordinação e controle, mas como um estado de criação, expressão, poder e autonomia.

Referências

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boi Tempo, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da calma e do silêncio. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017, p. 122-123.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (orgs). **Infâncias negras: vivências e lutas por uma vida justa**. Petrópolis: Vozes, 2023.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Saberes da floresta**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *E-book*.

NOGUEIRA, Renato. **Infância em afroperspectiva: articulações entre sankofa, ndaw e terrixistir**. Brasília: Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 31, p. 53-70, mai. out./2019a.

NOGUEIRA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. In: **Momento: diálogos em educação**. E-ISSN 2316-3100, v. 28, n. 1, p. 127-142, jan./abr., 2019b. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8806>>. Acesso em: 02 ago. 2024.



NOGUERA, Renato; BARRETO, Marcos. **Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas**. Rio de Janeiro: Childhood & philosophy, vol. 14, núm. 31, p. 625-644, set.-out., 2018.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Tradução de Nascimento, Wanderson Flor do. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

TEAR, Instituto de arte. **Círculo da Infância 2019 - A Poética da Infância em Afroperspectiva**. YouTube, 21 de maio de 2021. Duração: 1:14:49. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v2Namfxv328>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

THA, M. C. Comigo Ninguém Pode. **Rito de passá**. São Paulo: Elemess, 2019.